



Camponês turco.

abrutalhado, enquanto Hacıvad tenta se mostrar refinado e culto. Apesar de Hacıvad conhecer mil palavras estrangeiras, e de conseguir tecer galanteios às damas muito melhor que Karagöz, é este que acaba levando a melhor no fim da peça. Conta uma lenda turca que Karagöz e Hacıvad não são mitos folclóricos, e sim duas pessoas que realmente existiram. Essa lenda explica que Karagöz era um pedreiro, e Hacıvad um chefe de obra. Os dois estavam contratados pelo mesmo patrão, que os colocara na construção de uma mesquita. Mas o diálogo desses dois era tão movimentado, tão cheio de piadas, tão interessante, que os outros operários da obra largavam tudo e ficavam sentados à volta de Karagöz e Hacıvad, só para ouvir os dois discutirem e se gozarem. Aí ninguém trabalhava mais, e o sultão ficou uma fera, e mandou executar os dois conversadores.

Mas uma semana depois se arrependeu amargamente. Tinha descoberto, tarde demais, que ele também adorava o papo de Karagöz e Hacıvad, que ele estava sentindo uma falta enorme da conversa espirituosa dos dois, e começou a enfossar sério com a grande besteira que tinha feito. Sem aquela dupla, a vida não tinha mais graça. Nessa hora, o grão-vizir entrou em ação, fez dois bonecos de sombra, imitando

as feições de Karagöz e Hacıvad, e improvisou tela e peça — conseguindo divertir o seu sultão, tirá-lo da fossa, e inventar o teatro de sombras, ao mesmo tempo.

Essa lenda é paralela à que se conta sobre a origem das sombras chinesas. Também pode ter sido verdade. Enfim, tudo isso já foi há tanto tempo. Dos orientes, as sombras foram para a Europa, onde se desenvolveram por caminhos bem diferentes dos orientais (mas isso já é outra história). Na França foi muito bem sucedido no século XIX, hoje os ingleses estão adiantados.

Mas o moderno teatro de sombras ocidental é um troço muito sofisticado. Lotte Reiniger, alemã, já não faz mais com varetas, nem em pequenas telas. Ela recorta os bonecos, e filmando devagarinho, animando manualmente os bonecos, faz filmes de longa metragem e projeta as sombras nas enormes telas do cinema. Mas a magicidade da sombra é a mesma, mesmo sofisticada. À sombra das jovens sombras em flor se reúnem milhares de espectadores de tôdas as idades. O brasileiro está um pouco por fora desta variedade encantada de marionete, mas no dia que ele trocar sombra e água fresca por sombra e teatrinho de sombra, pode se tornar muito mais feliz. E muita gente vai ficar assombrada. Sem sombra de dúvida. ①



Karagöz em pessoa.

Os 3 Reis Magos, quase abstratos, do inglês Timothy Hodson.



cinhos apreciavam. Os bonecos eram muito bonitos, mas as peças muito bobocas.
Fora da austera côrte, Karagöz era outro homem. Os taberneiros que contratavam marionetistas ambulantes tinham um gôsto consideravelmente diferente dos nobres decadentes do palácio. O herói então se popularizava, dizia palavrões, cobiçava a mulher do próximo, exibia triunfalmente um gigantesco fálus, que aliás estava sempre **très bien placé**. As peripécias de

Karagöz, nos bares, teatros populares, quermesses e circos, eram quase sempre na base da brincanagem. Com sua careca reluzente, seu olho preto marcado, e sua barba escura, Karagöz vivia sendo atacado por mil mulheres que queriam saber se era verdade o que tanto se dizia dêle. E Karagöz adorava mostrar que era.

O grande amigo de Karagöz é Hacivad, que é seu contrário perfeito. Karagöz é popular, simples e

do drama, como o trio Semar, Gaveng e Petruck. Um é barrigudo, o outro é narigudo, e o terceiro é careca e alto-magro. São o lado bufão do **wayang**, que une poesia, e palhaçada, e religião, e novela, e tragédia, e um pouquinho de cada coisa.

Há uns anos, Sukarno descobriu que se o **wayang** era tão popular, porque não usá-lo como meio de di-



O Trio de Palhaços, Semar, Gaveng e Petruck.

vulgação oficial? E um belo dia os príncipes desapareceram, os dragões foram substituídos por capitalistas monopolizadores, as princesas começaram a fazer discursos subversivos, inflamados, e, sobretudo, chatos, e personagens de vida política internacional começaram a surgir nas telas do **wayang**. O povo não reagiu muito bem não. O **wayang** quase que sumiu; ninguém gostava daquela xaropada conscientizante. Por uma dessas estranhas coincidências, alguns meses depois, Sukarno foi afastado do poder, e houve muito pouca gente tentando ajudá-lo. Seria exagêro dizer que Sukarno caiu porque mexeu no **wayang**, mas também é verdade que hoje o **wayang** já recobrou seu aspecto antigo — e nenhum político mexe nisso outra vez.

TURQUIA

Na Turquia, o teatro de sombras conheceu um desenvolvimento glorioso. Os bonecos são coloridos como os chineses, e sua leveza lhes confere um ar muito

etéreo. Na côrte dos helenos, eram muito apreciadas, em teatrinho de sombras, as histórias do personagem Karagöz, pronunciado **Karagueuse**, em francês. Na côrte, as aventuras de Karagöz eram muito refinadas e sofisticadas. Karagöz flertava com uma moçoila, e a côrte tôda ria. Karagöz fazia calembures, e os mo-



Cabeças: Criada, Funcionário da Côrte, Pescadora com chapéu de palha, Prisioneiro libertado de castelo, Tigre e Monge.

Sombra do Príncipe
Bima (Javanês).



e muito mais impressionantes que os próprios bonecos, e segundo porque tinha mulheres. E foram se unindo aos bons, que neste caso eram boas. O teatro **wayang** floresceu, tornou-se uma das mais nobres artes populares folclóricas do mundo inteiro, e a Indonésia um país superpovoado com alta taxa de crescimento demográfico.

Os heróis das peças **wayang** (que duram do entardecer ao amanhecer) são sempre príncipes (Panji, Kauravas, Pandavas) que no fim da peça, de madrugada, conseguem vencer o mal. Levam tanto tempo para derrotar o mal pela mesma razão que Hamlet leva cinco atos para vingar o pai — se não, também não tinha graça, nem peça. Há vários personagens cômicos, no entanto, para aliviar de vez em quando a ação



Cena do filme em sombras O Príncipe Achmet, de Lotte Reiniger.



Hsia K'e, herói popular chinês, 30cm.

TEATRINHO DE SOMBRAS

No escuro é melhor

Gregorio de Mattos

O teatro de sombras é considerado a mais antiga expressão dramática por meio de fantoches. Como tôdas as coisas antigas e bonitas, ninguém sabe quem inventou nem onde; mas deve ter sido há muito tempo, ou na China ou na Índia. Conta uma lenda chinesa que um imperador da dinastia Han, o Wu-ti, ficou terrivelmente abalado com a morte da sua concubina (título altamente honroso nesse país e nessa época), e não queria nem comer, nem dormir, nem assinar decretos, nem prestar atenção aos puxa-sacos da côrte. Como essa situação era muito aborrecida, alguns nobres decidiram fazer alguma coisa pela saúde do imperador, e obrigaram o mágico real a descobrir uma solução.

Segundo a lenda, o mágico preparou, numa câmara escurecida, uma tela de sêda, e por trás dessa tela projetou, que nem cinema, a imagem de um fantoche de sombra. A imagem, vista no escuro, evocava vagamente a forma (ou melhor, as formas) da recém-falecida concubina. O imperador gostou muito, os nobres também, e o mágico foi promovido a Ministro da Educação. E surgiu o teatrinho de sombras.

Tudo isso aconteceu, parece, por volta do ano 121 antes de Cristo; mas é só a partir da dinastia Sung que se encontram menções escritas, em crônicas da côrte, das sombras chinesas (ou seja, cêrca do ano 1000). Mas lá pelo ano mil, a China estava dividida por várias guerrinhas civil-feudais. A confusão era tão grande que os chineses precisavam encontrar um modo de se divertir, e aí o teatro de sombras começou realmente a se tornar popular. Pequenas companhias iam de vilarejo a vilarejo, levando seus bonecos e fantoches, feitos de couro tratado.

O couro era de burro, mas as figuras dessa época são de uma elegância graciosa e simples. A pele sêca é tratada até que fique quase transparente, e depois é pintada de tôdas as côres. Por isso, a imagem projetada nas telas itinerantes era também levemente colorida. O movimento é feito através das hastes de metal prêsas ao pescoço e braços da figura, que é encostada, de leve, na tela, e manobrada por um marionetista, enquanto um ajudante, fazendo incidir sôbre o fantoche a luz de velas, faz com que sôbre a tela se projete uma sombra delicada.

Uma peça muito apreciada era a dramatização de um romance popular chinês, a *História do Macaco*, em que um monge budista perambula pela China

acompanhado de um porco que só pensa em mulher, de um macaco doido de pedra que anda se estrepando, por mais bem intencionado que seja (e que no fundo simboliza o próprio homem), e de um outro monge, que é um Sancho-Panza chinês. Até hoje, *Macaco* faz muito sucesso. Depois da revolução chinesa, muito dirigente de

partido descobriu que adorava teatro de sombras, e há um grande interêsse do govêrno chinês em manter vivo êste fabuloso meio de expressão popular. Atualmente, em vez de pele de burro, usa-se acrílico, polietileno, plásticos — mas o sabor das peças é o mesmo, e os bonecos tão perfeitos quanto os antigos. Em última análise, todo mundo sabe que fantoche de sombra não é feito com material palpável, e sim com "such stuff as dreams are made of".

INDONÉSIA

Na Indonésia, o teatro de sombras atinge as mais altas proporções artísticas. Conhecido como *wayang kulit*, ou bonecos de couro, é uma das principais diversões do indonésio não atingido pelo progresso. Os *wayang* são feitos, como os bonecos chineses, de couro animal, mas não são transparentes. A sombra que projetam na tela é completamente preta, mas o número de detalhes é tão grande, o rendilhado tão perfeito, os membros, dedos, dentes, tão reais, que a côr é esquecida de vez, e sua prêto-branquice pode ser considerada um trunfo.

É curiosa a história do *wayang*, que aliás está tingido de religiosidade. Os *dalang*, ou manobreadores, representavam trechos dos grandes épicos hindus, como o Ramayana e o Mahbharata, que são imensos poemas complicados com deuses, demônios, demiurgos, bens, males, mais-ou-menos e etecêtera. Mas as mulheres não eram consideradas bastante inteligentes para compreenderem essas trapalhadas longas, e de tabela havia mil outros preconceitos antifemininos. Por isso tudo menina não entrava em representação de *wayang*. Até que alguém teve a brilhante idéia de deixá-las verem, pelo menos, a sombra dos bonecos. Dividiu-se o auditório em duas metades: os homens ficaram do lado dos bonecos, as mulheres só viam as sombras. Mas pouco a pouco os homens foram realizando que do lado das mulheres era melhor, primeiro porque as sombras eram muito mais delicadas